

Violência Familiar em Gêneros Literários e Não Literários

Family Violence in Literary and Non-Literary Genres

Jaime André Klein^{a*}; Angela de Fátima Langa^a; Patrícia Luísa Klein Santos^b

^aUniversidade Regional Integrada do Alto do Uruguai e das Missões, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras. Campus de Frederico Westphalen, RS.

^bFaculdades de Itapiranga, Curso de Pedagogia. SC.

*E-mail: instrutor_aprendiz@hotmail.com.

Resumo

Este artigo analisa a temática da violência familiar. Busca-se investigar, por meio da linha americana de comparatismo como método de análise e também utilizando noções de intertextualidade, de que forma a violência familiar é abordada em dois gêneros literários, um miniconto e um romance, e em dois gêneros não literários, duas charges. Pretende-se averiguar a intencionalidade desses objetos para com o leitor: chocar, fazer refletir, criticar ou sensibilizar. Tem-se como objetos de estudo um miniconto, de Flora Medeiros, o romance “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo, e duas charges, uma de Janilton Nunes e outra de Arionauro da Silva Santos. Por meio do estudo realizado pode-se perceber que os agressores, geralmente, são os pais, cuja função seria garantir a segurança e a afetividade dos seus filhos. Ademais, destaca-se que a temática da violência está presente no cotidiano e na constituição da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Violência Familiar. Literatura. Gêneros Literários. Gêneros não-Literários. Intertextualidade.

Abstract

This article examines the topic of family violence. The aim is to investigate, through the Comparatism American line as an analysis method and also using notions of Intertextuality, how the domestic violence is approached in two literary genres, a Flash fiction and a novel, and in two genres, non-literary, two chargers. The aim is to ascertain the intention of those objects to the reader: to shock, to make them reflect, criticize or raise awareness. It has as study objects a Flash fiction, by Flora Medeiros, the novel “Becos da Memória”, by Conceição Evaristo, and two charges, one by Nandi and Janilton Nunes and the other by Arionauro da Silva Santos. Through the study carried out it is possible to realize that the attackers are usually the parents, whose function would be to ensure their children’s safety and the affection. Furthermore, the topic of violence is present in daily life and in the constitution of the brazilian society.

Keywords: Domestic Violence. Literature. Literary Genres. Non Literary Genres. Intertextuality.

1 Introdução

O tema da violência vem sendo abordado no Brasil não há muito tempo. Porém, em curto prazo já se descobriu que esta situação é algo enraizado, sendo que desde a época da colonização os atos violentos fazem parte do cotidiano brasileiro, mesmo antes desse local ser chamado de Brasil. A violência, conforme Ginzburg (2012), é algo constitutivo da sociedade brasileira. Como prova disso, o autor elabora um cronograma que auxilia na percepção em cada fase da sociedade brasileira, que inicia no processo colonial e segue até os dias de hoje.

O processo exploratório colonial, a organização predatória imperialista, o genocídio indígena, o tráfico negreiro, o cotidiano escravocrata de penalizações e mutilações, o patriarcado machista, os estupros, os linchamentos, os fanatismos religiosos, os abusos policiais, a truculência militar, agressões ligadas a preconceitos de raça, religião, orientação sexual, agressões a crianças, torturas em prisões (GINZBURG, 2012, p.241).

Nota-se que mudam as formas de violência, mas esta continua presente. Algumas formas como o estupro, o abuso policial, o preconceito racial e orientação sexual,

mesmo que camufladas, continuam sendo plano de fundo da sociedade brasileira. Alguns noticiários de fim de tarde, independentemente da emissora, trazem somente notícias de violência que se tornam cada vez mais cruéis. Tais fatos até causam espanto em algumas pessoas, mas por outro lado é como se os telespectadores já estivessem acostumados a ver isso todos os dias, por isso pode-se afirmar que a violência se tornou algo naturalizado. Faz parte da vida da sociedade, principalmente, dos grandes centros urbanos, não há como fugir. No âmbito familiar, embora para alguns pareça estranho ou até impossível, os atos violentos também se fazem presentes.

Partindo da premissa de que a violência é algo presente também em ambientes familiares, este trabalho limita-se, então, a analisar a temática violência familiar. Pretende-se verificar de que forma ela é abordada em um miniconto e em um romance, ambos gêneros literários. Os objetos literários analisados serão comparados a duas charges, gênero jornalístico, que aborda o mesmo tema. Busca-se constatar as diferentes formas de se explorar a violência e averiguar a intencionalidade desses objetos para com leitor: chocar, fazer refletir, criticar ou sensibilizar. Primeiramente, será feito um

breve debate sobre a violência, focando na violência familiar. Por fim, a apresentação dos objetos de estudo, a sua análise e a conclusão do estudo realizado. O método de análise é o comparatismo e se fará uso do conceito de intertextualidade pelo fato das relações estabelecidas entre os objetos analisados abordarem a mesma temática: a violência familiar.

2 Desenvolvimento

2.1 Violência em debate

Na contemporaneidade, o tema da violência passou a fazer parte da vida das pessoas como um acontecimento quase banal. Depara-se com esta situação na televisão, nos jornais, no cinema, nas escolas e o mais assustador, dentro de casa. Porém, quando se trata desse assunto, por mais próximo que esteja, os indivíduos tornam-se insensíveis aos acontecimentos que ultrapassam a esfera do privado ou do interesse individual pelo fato de estarem tão mergulhados no cotidiano que aceitam com indiferença e como algo normal, atos de violência.

Como são cada vez mais frequentes manifestações de violência, no dia a dia, faz-se necessário questionar o conceito dessas manifestações multifacetadas, devido aos muitos modos de compreensão do que venha a ser violência, atentando para as dinâmicas dos variados tempos, espaços e culturas.

Ives Michaud (1989) utiliza-se do termo, em latim, para explicar seu entendimento sobre o tema: *violentia*, que significa força ou violência, e que oriundo do verbo *violare* que significa transgredir, tratar com violência, profanar. Dessa forma, pode-se entender que violência está atrelada ao emprego de força em abundância. Ainda, segundo Michaud (1989, p.11): “há violência quando, numa situação de interação um ou vários atores agem [...], causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais”.

Chauí (1998) acrescenta aspectos éticos ao caráter social e moderno da violência estabelecida por Michaud. Para a autora, a violência é tudo que abrange a força para ir contra a natureza de ser. Logo, abrangeria manifestações de coação, de brutalizações, de constrangimento, de abusos físicos e psíquicos contra alguém, produzindo dessa forma, opressão, intimidação, medo e terror.

Zuluar (1999) utiliza-se do termo *violentia*, e a ideia de *vis*, como sendo força, emprego de força física, vigor. Esta força, segundo Zuluar, se torna violência, quando excede os limites estabelecidos pela sociedade em convenções, que ordenam as relações entre indivíduos.

Partindo dos entendimentos dos autores acima, ao se pensar no tema, impõem-se limites à visão e se enxerga a violência apenas como sendo atos de criminalidade e morte. Porém, deve-se entendê-la como resultado da dinâmica social diferenciando-se de acordo com os tempos, espaços,

condições, contextos e culturas de cada sociedade.

Logo, a violência pode, assim, ser praticada por qualquer pessoa, e é nas dimensões política, econômica, social, cultural e ética que se precebem as expressões de força e de coerção para manutenção de determinada posição de superioridade de um indivíduo. Dessa forma, a violência na contemporaneidade ganhou várias traduções e múltiplo caráter, colocando em questionamento de direitos, de valores e de liberdades.

Outro questionamento que se faz acerca da violência na modernidade remete-se aos atos violentos no âmbito familiar, pois a família é a instituição, em que os membros deveriam amar e cuidar-se, no entanto, as falhas são evidentes. De acordo com Eliane Brum (2000, p.6), “as crianças confiam nos adultos. Confiam como uma bússola ou um oráculo. Agarram-se a seus atos e palavras como uma boia no oceano ameaçador de uma vida à qual recém foram apresentadas”. Essa confiança é o que faz com que a criança fique calada ao ser humilhada, espancada ou abusada sexualmente tornando a violência uma constante.

Entende-se por violência familiar aquela praticada dentro do espaço ocupado pela família. Outra definição já a aborda como sendo aquela praticada por qualquer membro da família, mesmo que fora da residência que habita. Pode ser praticada por qualquer membro, seja unido por parentesco civil ou natural. Ao se falar em violência, geralmente, logo se pensa nela como algo físico que deixa sequelas na pele, portanto, visíveis. No entanto, a prática violenta nem sempre é somente física, pois pode ser também psicológica. Esta é praticada por meio de humilhações ou até mesmo de brigas entre alguns membros da família e podem até traumatizar os espectadores, principalmente, se estes forem crianças, pois podem carregar este trauma por toda a vida.

Em seu artigo *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*, os autores Vivian Peres Day *et al* (2003) destacam-se quatro formas de violência, que são vistas como as mais comuns: física, psicológica, negligência e sexual. Para os autores, a violência física ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano, por meio de força física; e a violência psicológica inclui toda ação ou omissão que causa ou visa a causar dano à autoestima, identidade, ou ao desenvolvimento da pessoa. Sendo a negligência a omissão de responsabilidade de um ou mais membros da família em relação a outro, sobretudo àqueles que precisam de ajuda por questões de idade ou condição física (permanente ou temporária). Por fim, a violência sexual é toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga outra à realização de práticas sexuais, utilizando força física ou influência psicológica (DAY *et al.*, 2003).

2.2 Becos da memória: violência física, psicológica e sexual

O primeiro objeto de estudo a ser apresentado e, posteriormente, analisado é a obra *Becos da memória*, de Conceição Evaristo (2006), publicada 2006 e reeditada em

2013. Embora, seja publicação relativamente recente, tal obra foi escrita ainda em 1987/88 e, após projeto frustrado de publicação, foi esquecido na gaveta, como afirma Evaristo na conversa com o leitor, parte inicial do livro. O romance retrata memórias de uma favela que passou pelo processo de desfavelamento, sendo que hoje não existe mais. A autora faz questão de esclarecer que a favela descrita em *Becos da Memória* “acabou e acabou” (EVARISTO, 2006).

Ao longo do romance tem-se conhecimento de vários moradores da favela. A narradora é Maria-Nova, uma menina que escuta as histórias de seus vizinhos e conhecidos, desejando um dia poder escrever todas essas memórias. O trecho escolhido para a análise retrata um episódio de violência familiar, em que são vítimas a filha Fuizinha e a sua mãe, cujo nome não é revelado. O agressor é Fuinha, pai de Fuizinha.

Fuinha é um personagem machista, maldoso que agride a mulher e a filha todas as noites. Os vizinhos até escutam gritos, mas com medo do homem não fazem nada para tentar mudar esta situação. A imagem que se constrói é de um homem sério, carrasco e bêbado. “Aparecia no armazém de Seu Ladislau, tomava banho ali naqueles quartinhos em que os homens se banhavam, bebia uns goles de pinga, falava e até ria um pouco para alguns, e ia embora” (EVARISTO, 2006). Nota-se um indivíduo antissocial, que não cria laços com as pessoas da comunidade.

A imagem descrita dos atos cometidos por Fuinha contra a esposa e a filha são chocantes. Percebe-se que o pai batia sem ter motivo e, talvez, por sentir prazer ao ver o sofrimento da própria filha e da mãe.

Quem sofria nas mãos dele era sua mulher e sua filha Fuizinha. Viviam espancando as duas, espancava por tudo e por nada. Os vizinhos mais próximos acordavam altas horas da noite com o grito das duas. Era mau o Fuinha. Diz que ele tirava a roupa das duas e batia até sangrar. Se elas choravam baixinho, batia até que elas gritassem e depois batia até que elas calassem (EVARISTO, 2006, p.111).

A mãe é uma mulher passiva, que por temer o marido, aceita ser maltratada e, mais do que isso, permite que a sua filha também seja vítima dos atos violentos do pai. Sendo assim, da mesma forma que o pai pratica atos violentos contra a filha, a mãe também a maltrata, pois negligencia a sua segurança. Tem-se assim uma situação contraditória, pois quem deveria cuidar é justamente quem agride.

Fuizinha até que tentava pedir socorro, mas não conseguia. Se descoberta, deveria aguentar as consequências.

Uma vez Maria-Nova parou perto da cerca de arame farpado que havia em volta do barracão e Fuizinha ameaçou soltar alguma palavra, quase confidência de tão baixo que era. Maria-Nova escutou a voz do Fuinha e fugiu. Escutou depois um baque surdo no chão e os gritos da menina. Fuizinha crescia entre o choro e a pancadaria. Tinha o rosto todo marcado (EVARISTO, 2006, p.111).

Nota-se que a filha, além de ser vítima da violência física, evidenciada pelas marcas deixadas no rosto, também crescia

em um ambiente violento, caracterizando, assim, a violência psicológica que sofria. Provavelmente, crescerá com certo desprezo em relação aos homens e à constituição de uma família, devido ao trauma que carregará de todos os episódios vivenciados em sua casa.

Trauma também causado pela morte da mãe ao ser espancada até a morte pelo seu pai:

Um dia a mãe de Fuizinha amanheceu adormecida, morta. Os vizinhos tinham escutado a pancadaria na noite anterior. A mulher gritara, gritara, a Fuizinha também, também. Ouviu-se a voz do Fuinha:

Agora silêncio.

A mulher silenciou de vez (EVARISTO, 2006, p.112).

Nota-se o estado em que se encontra Fuizinha, depois de ter vivenciado a cena descrita: o pai batendo na mãe até a morte. Após a morte da mãe, só resta à Fuizinha ainda mais dor, pois agora sozinho com a filha, o pai se considerava seu único dono. Ao contrário da mãe que ele matou, a filha ele queria viva para lhe satisfazer: “Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha” (EVARISTO, 2006, p.113). Após passar por atos violentos no âmbito físico e psicológico, Fuizinha agora é vítima da violência sexual praticada por seu pai. Nota-se o pensamento retrógrado da época, em que as mulheres eram vistas apenas como objetos para satisfazer os homens sexualmente. Neste caso, o que mais atormenta e causa horror é o fato do homem ser o pai do que é considerado por ele um objeto: sua filha.

A violência familiar no romance é evidente tanto pelo local em que acontece, ou seja, dentro da casa da família, como também por ser praticada por pessoas com grau de parentesco. Nota-se a presença da violência física, tendo em vista o pai e marido agredir-las constantemente. A violência psicológica é evidente tanto para a filha quanto para a mãe. A menina por presenciar cenas horripilantes de violência contra sua mãe e contra ela mesma. A esposa por viver em constante medo de seu marido, por apanhar e também por perceber a si mesma como incapaz de mudar a realidade e salvar a sua filha do pesadelo.

2.3 “Cicatriz”: violência contra a inocência

O segundo objeto é o miniconto “Cicatriz”, de Flora Medeiros (2013). É um dos ganhadores de um concurso de minicontos realizado por meio do blog *Autores S/A: Concursos Literários*, em 2013. O autor, na verdade, utiliza-se de um pseudônimo, sendo que o seu nome verdadeiro não é revelado. Assim, como em *Becos da Memória*, também retrata a violência familiar praticada pelo pai da vítima. Apesar de breve, é um texto violento e choca ao final pela cena retratada e, principalmente, por quem ser o praticante do ato violento.

A prática da violência parte por quem tem função institucional da proteção e percebe-se que tal prática acontecia

frequentemente, tendo horário e local. A perversidade com que o pai age para com a filha é gigantesca, e em sua inocência, a criança confia no adulto de tal modo que se cala perante o ato violento. O miniconto sugere uma violência além de física, uma violência perversamente psicológica, levando a criança ao trauma.

O barulho da porta eclode no psicológico da criança a tal ponto que a mesma já prevê o que virá a acontecer, pois tomava como sinal de que a sua inocência, enquanto criança em desenvolvimento estaria desprotegida e essa rotina silenciosa, pois tudo acontece “depois da escola, com a luz apagada, a casa vazia”, se quebra quando o pai tira a calça e dá a ela a ordem para se deitar. A personagem tinha ciência de que dessa vez seria diferente, o pai iria além. A violência psicológica sugerida pelo miniconto se agrava, quando se torna física e passa de consentida à combatida. A autora, ao dar voz à personagem, dá voz às inúmeras vítimas de violência cometida no seio familiar e que se calam diante da barbárie.

Ainda, o sangue presente no lençol corrobora a violência física sofrida por esta personagem. Quando a mesma coloca o lençol de molho na cândida e a mancha não saíra, ela faz alegoria ao trauma presente no psicológico da menina e que nem o tempo apagará, mesmo que o tempo passe. Ao mesmo tempo em que reage implorando ao pai que não cometesse tal brutalidade, tenta apagar vestígios do ato como forma de apagamento de rastro da memória.

O sangue no lençol também pode ser alegoria à perda da inocência da criança, e ao lavá-lo, tenta esconder da família, o ato praticado pelo pai. Por se tratar de um gênero literário, o miniconto tem poder de reflexão muito mais profunda e chocante, uma vez que mesmo não tendo veracidade na narrativa, ela expõe de maneira verossímil a realidade silenciosa, em que a sociedade está mergulhada. Ao por em evidência os praticantes de tal violência, tanto o fragmento do romance em *Becos da Memória*, quanto o miniconto escancaram as atitudes contraditórias dos indivíduos em relação ao seu papel institucional e constitucional de guardiões de indefesos, os filhos.

2.4 Charges: retratos da ironia

O terceiro objeto é uma charge de Jânilton Nunes. Foi publicada em um blog no dia 16 de abril de 2013 como uma das partes ilustrativas de um texto sobre a violência no cotidiano brasileiro. Da mesma forma que nos objetos literários mostra a violência familiar praticada, também, pelo genitor, e neste caso a mãe.

Figura 1: Charge 1



Fonte: Os autores.

A charge de Nunes é irônica pelo fato de o entrevistador estar realizando uma pesquisa sobre a violência familiar e a mãe espancar a criança na frente do repórter. O questionamento que ocorre é se essa mãe realmente sabe o que é violência familiar.

Evidencia-se a ausência de diálogo na família, seja entre mãe e filho, pai e filho, esposa e marido, sendo esta charge apenas um dos exemplos possíveis. A mãe para não ser atrapalhada na sua conversa com o entrevistador, sem pensar, bate na criança para que ela fique calada. Enfatiza-se a postura da criança: estática. Metaforicamente, representa a impossibilidade que muitas crianças têm em se manifestar sobre os atos violentos que sofrem. Isso pode ser pela falta de oportunidade de conversar com alguém sobre o fato, bem como pelo medo de ser descoberta e agredida novamente.

Estático também permanece o repórter. Em outras palavras, sem reação permanece a sociedade e, da mesma forma que o entrevistador, não sabe de que forma agir para defender as crianças. O olhar do entrevistador demonstra surpresa com a atitude de uma mãe que, provavelmente, antes do filho a interromper estivesse falando o quanto é importante cuidar dos filhos, educá-los e, acima de tudo, não maltratá-los. A expressão do rosto da mãe e dos seus olhos demonstra ódio diante do filho e da sua atitude de interrompê-la.

No mesmo foco da charge 1, segue a charge 2, o último objeto a ser analisado. O autor é Arionauro da Silva Santos (Arionauro), cartunista e ilustrador, conhecido como “Vampiro” por sua forte atração pelo “Humor Negro”, com bastante sangue. Foi publicada no dia 01 de janeiro de 2014 sob o título “Violência Doméstica” no blog do autor.

Figura 2: Charge 2



Fonte: Os autores.

A violência familiar é cometida pelo pai, cujas vítimas são a mãe e o filho. Inicia-se a análise pela pergunta da criança, que inocentemente ou querendo, de certa forma, enfrentar o pai, questiona se ele não vai fazer com o ladrão o que faz com ele e a mãe todas as noites, ou seja, bater. Porém, o pai diante de um indivíduo armado sente-se incapaz de defender a família. Suado, tremelico e com as calças molhadas pela sua urina, símbolo do medo, mantém-se parado sem reagir diante do ladrão. Percebe-se que o homem só é violento com seres mais frágeis do que ele e incapazes de se defenderem.

Outro agravante da violência familiar que se torna evidente por meio da fala do filho é a bebida. Geralmente, ao ingerir bebida alcoólica as pessoas se tornam violentas e, muitas vezes, não sabem o que fazem. Agridem sem saber o porquê do ato. Ao chegar a casa, a família sofre as consequências. A violência física sofrida por eles é evidente pelas marcas deixadas: um dos olhos tanto do filho quanto da mãe está totalmente irreconhecível, braços quebrados e curativos nas faces.

A figura paterna de pai herói não aparece nesta charge, e a ação do filho, ao indagar ao pai sobre a falta de atitude para o ladrão em relação à proteção da família põe em xeque as atitudes machistas e superiores que o mesmo tem em relação à mulher e ao filho, e evidencia que o mesmo, em situação vulnerável, fica na inércia, sem reação em relação ao assalto. Evidencia-se, portanto, que a imagem de pai violento e machão cai por terra a partir do momento, em que há outro indivíduo em posição superior a ele. Outro questionamento em relação à charge vem à tona em relação à atitude do pai: será que alguma vez preocupou-se em proteger a família? Ele se via como um defensor deste laço familiar?

É importante ressaltar que, ambas as charges retratam uma violência social, uma vez que, fatores externos da sociedade potencializam tais atos. Também tem de se destacar que, estas charges retratam a realidade factual, oriunda da sociedade em que se inserem. Desta forma, agem como espelho/resultado de um problema acentuado entre a sociedade, e o tom cômico, porém irônico, mostra a banalidade perante o tema.

3 Conclusão

A partir da análise dos objetos tanto literários quanto não literários é possível perceber o quanto a violência está presente na sociedade e, principalmente, nas famílias. Ainda, o fator que causa mais espanto é o fato de a insegurança, o medo e a maldade que permeia a trajetória das crianças partirem de genitores, que deveriam desenvolver o papel de cuidadores e lhes garantir o afeto e uma vida tranquila.

Ao abordar o tema da violência familiar destaca-se que este está presente no cotidiano de leitura, desde os gêneros literários (romances, contos, etc.) aos não literários (tirinhas de jornal, charges, etc.) e todos levam o leitor à reflexão. Por meio do estudo, pergunta-se sobre o que aconteceu com aquela visão que se tinha dos pais como os protetores dos filhos. Na sociedade atual, o seguro para algumas crianças é permanecer longe dos seus genitores. A impressão que se tem em relação às charges é de que, ao mesmo tempo em que critica a violência, objetiva, de certa forma, divertir o leitor com a imagem. A mãe e o filho deformados na charge 2, bem como a onomatopéia usada na charge 1 (PAF!) são representantes disso. Um leitor que não está atento para a temática que envolve texto e imagem, simplesmente irá considerar o humor e não a crítica social que se pretendia destacar.

Contrariamente as charges, cujo objetivo é unicamente criticar, o romance e o miniconto, além de incitar a reflexão, o fazem de forma a sensibilizar o leitor perante o assunto, causando um choque com a leitura dos atos descritos. As pessoas se tornam mais sensíveis em relação às meninas inocentes que são violentadas por seus pais, tanto no miniconto quanto no romance. A violência psicológica sofrida por Fuizinha ao ver seu pai bater em sua mãe até a morte. Ainda, não bastando a dor da perda da mãe, passa a ser violentada sexualmente por seu próprio pai.

Destaca-se, ainda, o desencanto feminino e o trauma que acompanhará tais personagens pelo resto de suas vidas. A repulsa pela figura masculina e o desencanto pela vida. Além disso, a revolta com a sociedade que não percebe o que está acontecendo ou quando nota algo, “corre de medo” como faz Maria-Nova em *Becos da Memória*. Se não sai correndo, fica-se perplexo diante dos acontecimentos sem saber como agir, tal como o repórter da charge 1, ou ainda, como no miniconto, em que as próprias vítimas tentam se esconder, tentando apagar as marcas visíveis para que ninguém as interrogue sobre os fatos. Porém, o que as vítimas não sabem é que a marca que fica na alma não sai.

Assim, a violência familiar é um tema que choca e rechaça as pessoas em geral, pois se espera o acolhimento e a proteção de seus membros. Logo, falar em violência familiar implica dizer que há um desequilíbrio de poder na relação entre pessoas com vínculo relativamente estável, ou seja, algum membro da família está fazendo uso do poder para controlar a relação à força, de tal forma que provoque danos psicológicos ou físicos na outra pessoa.

Referências

- BRUM, E. *Violência doméstica*. Brasília: Unicef, 2000.
- CHAUÍ, M. Ética e violência. *Rev. Teoria Debate*, v.11, n.39, 1998. Disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/sociedade/etica-e-violencia>
- DAY, V.P. *et al.* Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Rev. Psiquiatria*, v.25, p.9-21, 2003.
- EVARISTO, C. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- GINZBURG, J. A Violência na literatura brasileira: notas sobre Machado de Assis, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. *In: GINZBURG, J. Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp e FAPESP, 2012. p.239-254.
- MEDEIROS, F. *Cicatriz*. 2013. Disponível em: <<http://autoressaconcursosliterarios.blogspot.com.br/2013/05/os-20-minicontos-classificados.html>>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- MICHAUD, I. *A violência*. São Paulo: Ática: 1989.
- ZULUAR, A. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. *Rev. São Paulo Perspec.*, v.13 n.3, p.3-17, 1999.